

A

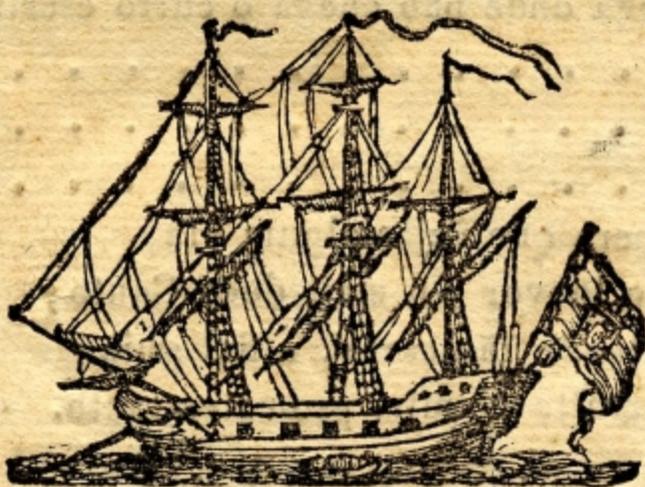
Pa

XX

112 H

Portugal convalscido

o
PORTUGAL CONVALESCIDO
PELO PRAZER QUE PREZENTEMENTE DISFRUTA
NA DEZEJADA, E FELIZ VINDA
DO
SEU AMABILISSIMO MONARCHA
O S.^R D. JOÃO VI.
E DA SUA AUGUSTA FAMILIA.



POR
JOZE DANIEL RODRIGUES DA COSTA.

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA LACERDINA. 1821.

Com Licença da Comissão de Censura.

Por tanto meu dezejo, e não meu dito
Recebe com amor, e attenção pura,
Que chega onde não chega o curto escrito:

.
.
.

Inda espero que vejas algum dia
Em novo louvor teu mais doce Canto;
Porque tendo tão certa, e fiel guia
Não he muito de mim prometer tanto.

Bernard. Cart. 11.

PORTUGAL CONVALESCIDO

PELO PRAZER

QUE PREZENTEMENTE DISFRUTA.

I.

PORTUGAL, Portugal, já não lastimo
Os damnos, que em trez Lustros tens passado ;
Tão funesta lembrança em mim reprimo
Poís te vejo tomar hum novo estado ;
Que se o Mundo não tem hum bem que dure,
Tãobem não tem hum mal, que muito ature.

. II.

Estes geraes transportes de alegria
Inda hum suave encanto nos parecem ;
Porque esperanças vãs de dia em dia
Os animos mais fortes amortecem ;
Eu mesmo ora acredito, ora suponho,
Que Portugal renasce, ou que isto he sonho.

III.

Porém sonho não he , he realidade ;
 Porque hum Deos ás Promessas nunca falta,
 Aprove-lhe acabar nossa Orfandade ,
 Que ao Povo , que o respeita , assim exalta;
 Temos Constituição , que as Leis segura ,
 Temos hum Rey , e Pay ; que mais ventura!

IV.

Bem vindo sejas , ó Monarcha Invicto ,
 A pôr limite ao nosso dezamparo ;
 Se de Deos o poder sempre infinito
 De nós quiz confiar hum Homem raro ,
 Jactem-se outras Nações de mil extremos ,
 Não de terem hum Rey como nós temos.

V.

Boa moral , e pura consciencia
 São virtudes , que a C'roa lhe guarnecem ,
 Concorrendo anciozo , e com veemencia
 Para o bem , que seus Povos lhe merecem ;
 Vendo o p'riço dos mares , foi sulcallos ,
 Para poupar o sangue aos seus Vassállos.

VI.

O Destino marcou o fatal Dia
 A Portugal de pranto, e de amargura,
 Quando apartou da nossa Companhia
 O Nosso amavel Pay, Nossa Ventura:
 Expondo ás bravas ondas o Sob'rano,
 Que quiz salvar das garras de hum tyrano.

VII.

De humana condição he dar castigos
 Em vingança de alguma atrocidade;
 Elle quiz que aos seus mesmos inimigos
 Tratassem sem rancor, e com piedade;
 Indo buscar hum Clima por defeza
 Em costumes diverso, e em natureza.

VIII.

Eu não recordarei os dissabores,
 Que no extranho Paiz o perseguião,
 Pois não devo enlutar com tristes cores
 A amizade, e prazer que a nós o ghião;
 Dezejando-o por tantas tantas vezes
 Os fieis Corações dos Portuguezes.

IX.

Qual navegante vendo conjurados
 Os Euros contra si, Rayos, Coriscos,
 De bravas ondas montes levantados,
 Pondo o curvo Baixel nos môres riscos,
 Que se a feliz bonança se lhe segue,
 A hum prazer sem limite he logo entregue:

X.

Tal este Reyno em tudo se mostrou
 Pelas fortes tormentas que soffreu,
 Té que hum brilhante dia lhe raion,
 No qual recobrar pôde o que perdeu;
 Do Cahos da tristeza então surgio
 Livre do Cativoiro, em que se vio.

XI.

Que mais quereis, ó Gente Portugueza?
 Pertendeis mais Prodigios, que os que vemos?
 Preciza revoltar-se a natureza,
 Para que á Providencia valor demos?
 Quereis que bote fogo a neve fria?
 De noite Sol quereis, Luar de dia?

XII.

Não lastimámos nós nossa Orfandade,
 Que em gemidos sofremos tantos annos?
 Não pezavão na mísera Cidade
 De dia em dia damnos sobre damnos?
 Fome, e contagio della procedido
 Que poz o Povo em magoas submergido?

XIII.

Desgraçados lutando co' a penúria,
 Viúvas, e Donzellas mendigando,
 A Nação de recursos já espúria,
 Velhos, e moços o seu mal chorando?
 Menos o duro avaro que no p'riço
 Conta com o que ajunta, e só comsigo.

XIV.

Porem no centro de infortunios tantos,
 De tantas privações, tantos cuidados,
 Não vimos enxugar os nossos prantos,
 Prodigios por mil modos praticados?
 Se isto não vem de Deos, se isto se nega,
 A que braço potente o homem se entrega!

XV.

Em todas as Nações, onde apparecem
 Movimentos politicos de novo,
 Nascem oppiniões, partidos crescem,
 De que victima he sempre o triste Povo;
 E desgraçadamente o sangue corre,
 Culpados, e innocentes tudo morre.

XVI.

Mas Portugal hum Reyno a Deos votado,
 Que pelo mesmo Deos foi escolhido,
 Das luzes da razão iluminado,
 Só da mesma razão segue o partido;
 E com semblante alegre [Oh que portento!]
 Pede das Santas Leis o cumprimento.

XVII.

Pede ao Governo a sobria ecconomia,
 Pede hum córte geral nos seus abuzos,
 Pede ter subsistencia em harmonia,
 Pede regido ser de antigos uzos,
 Pede sãa Liberdade a que se entrega,
 Pede ao Ceo o seu Rey, seu Rey lhe chega.

XVIII.

Da virtuozza Raynha Izabel Santa
 Quiz Deos eternizar mais a memoria,
 No mesmo dia em que se louva, e canta
 A todo o Portugal enche de Gloria;
 E porque se lhe imite o Santo zello,
 No nosso Rey nos mostra o seu modêllo.

XIX.

Religiozo Rey, docil Raynha,
 Perfeitos filhos Seus, Tia estimavel,
 Dispostos a passar com risco a Linha,
 Expõem as vidas a elemento instavel;
 Este amor, esta scena, esta mudança
 A Nação nunca a perde da lembrança.

XX.

Quem haverá de peito bronzeadado,
 Que não mostre nos olhos a ternura,
 Que nos deve cauzar o inesperado
 Prazer, que nos provem desta ventura?
 O Ceo vigie, e guarde em segurança
 A florecente Caza de Bragança.

XXI.

De nós auzente o Rey firma, e segura
 Que convem no que as sabias Côrtes fazem,
 Justa Constituição Liberal jura
 Porque os bens deste Povo não se atrazem;
 Estes regressos já lhe não são novos
 E quer só quanto for a bem dos Povos.

XXII.

Como Pay, e de nós compadecido
 Attende a melhorar o nosso estado,
 Que axioma de todos he sabido,
 Em maximas politicas fundado,
 Ser dos bons Cidadãos a Liberdade
 O credito maior da Magestade.

XXIII.

Eis a Constituição justa baliza,
 Por onde o Reyno se verá regido,
 A Prezença do Rey, que era precisa,
 O Povo Luzo a tem já conseguido;
 Remoça Portugal, muda a figura,
 Que he morte a vida se entre malles dura.

XXIV.

Já não tens que temer, he consumada
A grande Obra, que em paz principio teve,
Foi pela Providencia encaminhada,
O Fim como o principio mostrar deve;
O' Sempre Eterno Nume, Omnipotente,
Já mais dezampareis a Luza gente.

XXV.

Se as tintas são grosseiras, com que pinto
Este nosso prazer este Portento,
Se pelo Objecto ser muito distinto,
Minha voz fraquejou, e entendimento;
Pelo gosto que tenho, não me peza
De ter-me abalançado a tal empreza.

SONETO.

CONVOCA Jove os Deozes na alta Esfera,
Das fortunas de Lizia lhes dá parte;
E recomenda logo ao fero Marte,
Que se lembre do mal que lhe fizera:

Que de novo lhe manda, e d'elle espera
Que mais de sangue humano senão farte;
Que em Paz conserve Lizia, e d'ella aparte
Monstros, Furias Cruéis, que o Abysmo gera:

Se Lizia foi de França atenuada,
Que hoje vèlla em socego só pertenda;
E que das mais Nações seja invejada;

Que trema todo o que inquietala emprehenda,
Que acezos rayos tem na mão armada,
Com que as Côrtes de Lizia, e o Rey defenda:

[81]

Do mesmo Autor se fica imprimindo a *Tizoura da Critica* judicioza, e decente, bem que jovial, adornada no fim de algumas Charades para divertir a curiozidade dos Leitores, &c.

A D V E R T E N C I A.

Assim como o Poema do Balão aos Habitantes da Lua = e as duas Partes de Portugal Enfermo = fizerão hum Volume em 8.º da mesma sorte o Folheto da Memoria = o da Conversação das Senhoras = este de Portugal Convalescido = e o que se fica imprimindo Tizoura da Critica = podem formar hum segundo Volume para quem for curiozo.

Preço 40. réis.

A decorative floral border with intricate scrollwork and leaf patterns, framing the text on the left side of the page.

PORTO

IMPRESA POPULAR

Rua do Bonjardim, 67